

A Greve Geral da Indústria Conserveira (1916-1917)

«A greve em Setúbal é, por assim dizer, uma situação normal»

A greve geral da indústria conserveira, de 1916-1917, vai beber à experiência organizativa que o operariado sadino acumulou no final do século XIX e no período inicial da I República; nomeadamente, ao «ano de todas as greves» – 1911, que teve o dia 13 de março como o momento mais trágico, com o assassinato dos operários conserveiros Mariana Torres e António Mendes pela recém-criada GNR.

A intensificação das lutas operárias e o divórcio entre o operariado e o poder republicano em Setúbal, a partir de 1916, advém, também, da entrada de Portugal no cenário europeu da I Guerra Mundial, que marcou, profundamente, o panorama político, económico e social. Se, por um lado, a «economia de guerra» fez crescer o número de fábricas conserveiras, por outro, a fome e a carestia de vida conduziram à radicalização dos conflitos sociais. A militância operária, de cariz eminentemente anarcossindicalista, estava por trás de greves e sabotagens às fábricas, com a destruição de máquinas e de carregamentos de folha de Flandres, matéria utilizada no fabrico das latas de conserva. Mas o tumulto social passava, também, por assaltos coletivos a padarias, carvoarias e armazéns, por atentados à bomba, por ataques à cadeia e pela sabotagem aos comboios de mercadorias e à linha ferroviária.

O ano de 1916, logo em 28 de janeiro, inicia-se com uma greve das operárias conserveiras reivindicando melhores salários. Em 7 de abril, a Associação de Classe dos Trabalhadores das Fábricas de Conserva declara uma greve geral que se prolongará, com intermitências, até 29 de junho. Em 10 de setembro de 1916 volta a ser declarada greve nalgumas fábricas conserveiras, contabilizando-se 3000 grevistas. Nova greve geral conserveira acontece entre os dias 6 e 19 de julho de 1917, paralisação que se alarga a outros setores operários sadinos,

como os sapateiros e os tipógrafos. Na senda desta solidariedade operária, entre 10 e 13 de setembro ocorre uma greve geral operária e marítima, que abrange todos os setores industriais. Daqui resultam dezenas de prisões de grevistas, acusados de desobediência à autoridade, incitamento à greve e de participação num «comício clandestino».

A este ciclo quase interrupto de greves e reivindicações operárias o patronato ripostou com o *lock-out* das fábricas, incitado pela Associação Industrial de Setúbal, que sugeria o fecho de fábricas e o despedimento como represálias às exigências operárias. A Administração do Concelho, além de ordenar rusgas nas sedes das associações de classe, nas ruas e nas habitações, declara o estado de sítio com o encerramento do comércio e a proibição de circulação entre as 21:30 e as 05:00 da manhã. Na «Barcelona portuguesa», às greves o regime republicano respondia com intimidação e repressão. [AA]

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA



Operárias numa fábrica de conservas de Setúbal, *Ilustração Portuguesa*, 11/7/1910



Segundo a Estatística Industrial de 1917, o proletariado conserveiro representava perto de 90% das «classes laboriosas» sadinas. Esta proporção do tecido social setubalense confere especial protagonismo ao operariado conserveiro no cenário de forte confrontação social e nas greves de Setúbal em 1916 e 1917.

Como a grande maioria da mão de obra das fábricas conserveiras – dividida entre moços, mulheres, operários e soldados – era feminina, percebe-se que muita da importância social, organizativa e capacidade reivindicativa do operariado conserveiro setubalense adviesse destas mulheres. Operárias para quem a jornada de trabalho chegava às 20 horas, a falta de direitos e de descanso semanal e a proibição de conversar ou de ir à casa-de-banho enquanto houvesse peixe na bancada de trabalho, se transformavam em força e raiva de que as greves são memória irrevogável. [AA]